

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**SÍTIO MACURANY: APONTAMENTOS SOBRE UMA COLEÇÃO  
PARTICULAR DE FRAGMENTOS DE CERÂMICA PRÉ-COLONIAL**

**Acadêmica:** Edilena Azedo da Silva

**Professora orientadora:** Msc. Clarice Bianchezzi

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma coleção particular de fragmentos de cerâmica pré-colonial que foram encontrados no sítio arqueológico do Macurany, associando esse material às fases definidas pela arqueológica. Buscando refletir sobre as relações existentes e sentidos de preservação desses objetos pelos moradores da comunidade e os aspectos legais sobre fragmentos e sítios arqueológicos.

**Palavras-Chave:** Cerâmica pré-colonial; sítio arqueológico; coleção particular.

## Introdução

A História da Amazônia foi escrita aliando relatos de viajantes, colonizadores e análise de registros materiais deixados pelos povos que nela habitaram no passado distante. Dentre esses registros destacam-se os vestígios arqueológicos presentes na Amazônia, evidenciado através da presença da cerâmica produzida e usado por esses povos. Assim pelo meio da arqueologia que trabalha com esses vestígios estabelecendo relações que contribuam na compreensão das sociedades complexas e sua expansão na região Amazônica. Na Amazônia as incidências arqueológicas são relatadas de forma contínua por moradores na atualidade, nas áreas de ocupação populacional, nas localidades de várzeas e de áreas de ocupação urbana. Caso que ocorre com a comunidade do Macurany, local onde se localiza o sítio arqueológico objeto deste estudo.

O Sítio Arqueológico do Macurany fica localizado nas margens do lago Parananema na Comunidade de mesmo nome, a referida comunidade localiza-se ao sul da cidade de Parintins com acesso por via terrestre e fluvial, numa distância de aproximadamente 04 km do centro urbano, na mesma ilha da sede municipal, faz parte da Área de Proteção Ambiental denominada APA do Entorno. (PLANO DIRETOR DE PARINTINS, 2006).

O sítio concentra grande extensão de Terra Preta de Índio (TPI) próxima a uma numerosa concentração de árvores de castanha do Brasil ou castanha do Pará que se estende para outras áreas da comunidade de forma contínua. Também há a presença de 16 valas de acesso terra-lago, distribuídas ao longo da margem do lago Parananema que segundo a arqueologia na Amazônia são possíveis caminhos usados nesses assentamentos para acessar o lago pelos antigos moradores dos assentamentos pré-coloniais. (SILVA, 2016)

A área de extensão de, aproximadamente, 5 km, apresenta uma gama de vestígios arqueológicos: TPI, cacos de cerâmica pré-colonial, urnas funerárias demonstrando que a localidade teve possivelmente diferentes assentamentos numerosos ao longo de sua ocupação devido a grande concentração de cerâmicas e TPI, identificáveis a olho nu. (SILVA, 2016)

O local ainda carece de pesquisas mais aprofundadas pela arqueologia para dar resposta mais ampla a respeito da ocupação do local, contudo

buscamos aqui como nesta breve pesquisa no campo da História, apresentar uma coleção de fragmentos de cerâmica pré-colonial, coletada por moradores do entorno deste sítio buscando demonstrar a variedade decorativa dos fragmentos ali encontrados.

Usamos imagens de uma coleção que foi disponibilizada por uma família de moradores da comunidade, os mesmos foram receptivos, disponibilizando esse material arqueológico para o registro fotográfico, nos solicitando preservação da identidade dos mesmos. A escolha desse material se deu também pelo fato dessa coleção ser mais numerosa, contendo fragmentos diversificados. Existiam outras coleções na comunidade, contudo não tivemos autorização ou tempo necessário para catalogação e registro fotográfico para utilização neste artigo acadêmico.

A legislação proíbe a posse de materiais arqueológicos, conforme a Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961 que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos no Art 17. A posse e a salvaguarda dos bens de natureza arqueológica ou pré-histórica constituem, em princípio, direito imanente ao Estado. Outra lei importante é a Portaria IPHAN/MinC 07, de 01/12/1988, que normatiza e legaliza as ações de intervenção junto ao patrimônio arqueológico nacional indicando que isso só pode ser realizado por um arqueólogo devidamente autorizado pelo IPHAN. No entanto sabemos que na Amazônia é bastante comum a prática de guardar esses materiais dentro de casa, que muitas das vezes os moradores acabam formando suas coleções particulares ou utilizando-as como utensílios domésticos ou com outras finalidades, principalmente entre moradores que residem em torno ou propriamente em cima de sítios arqueológicos.

A guarda desses materiais por moradores acontece muitas vezes pelo fato dos mesmos se encantarem pelas decorações apresentadas nos objetos tendo alguma utilidade no seu cotidiano, ou pelo fato de apresentar experiências e sentidos vividos por esses moradores, pois os objetos estão inseridos no seu dia a dia.

Na Amazônia é frequente observar que as casas se assentam sobre os sítios arqueológicos. Urnas funerárias e outros vasilhames servem como armazenadores de água e/ou farinha. Os moradores aproveitam os sítios de terra preta para fazer suas roças. As crianças, por sua vez, brincam com fragmentos de cerâmica, guardam objetos encontrados na beira de rios, igarapés, nas ruas de terra e formam

pequenas coleções (RAVAGNANI, 2011). Há ainda registro do uso de cacos de cerâmica como conservadores de umidade em vasos de plantas. (BEZERRA, 2013, p.110).

Assim, a guarda desses pequenos “acervos” guardados por moradores da região nos fornece, hoje, acesso a informação da diversidade de cerâmicas, formatos e decoração produzidos por povos de culturas distintas na Amazônia, que não sabemos ao certo quem foram, mas que indicam uma ocupação histórica e rica da Amazônia.

### **1- Falando sobre a cerâmica pré-colonial amazônica**

A Amazônia já era ocupada há mais ou menos 11.000 anos, muito antes dos europeus aqui se estabelecerem. Os antigos habitantes baseavam suas economias na pesca, caça e também na coleta de frutas. Uma das grandes contribuições desses povos além da domesticação das plantas foi a produção cerâmica, identificadas em vários locais e está entre a mais antiga da América do Sul, datada em torno de 5.000 e 3.500 a.C. (NEVES, 2006).

Através do avanço das pesquisas da arqueologia nos últimos anos, os estudos a respeito das cerâmicas arqueológicas têm evidenciado e possibilitado um melhor entendimento sobre essas ocupações na Amazônia.

O conhecimento sobre as cerâmicas antigas na Amazônia é, como quase tudo, ainda embrionário: as áreas com evidências de produção precoce são aparentemente restritas, estando localizadas em sambaquis litorâneos e fluviais do baixo amazonas e da zona do estuário. (NEVES, 2006, p.47).

Essas pesquisas buscaram analisar os complexos culturais cerâmicos propostos por Meggers e Evans, baseado no sistema de classificações, horizontes, tradições e fases. Definindo assim quatro tradições ceramistas de acordo com suas decorações e peculiaridades. Sendo: 1) *Zonado – Hachurado*; 2) *Borda Incisa*; 3) *Policroma* e 4) *Inciso Ponteados*.

A cerâmica é referência arqueológica de conteúdos sociais e econômicos que é útil na caracterização de culturas e como um identificador de etnia. (LA SALVIA e BROCHADO, 1989). Hilbert (1968) sugeriu uma cronologia de ocupação para a Amazônia central sendo composto por quatro conjuntos cerâmicos, chamadas de fases, a saber: Manacapuru, Paredão, Guarita e Itacoatiara. (BARRETO; LIMA; JAIMES BETANCOURT. 2016).

No entanto com estudos mais aprofundados foi sugerida uma nova fase, embasada em análises de outros complexos que levaram a formulação de uma nova hipótese sobre a cronologia de ocupação, quando identificaram-se as cerâmicas Açutuba, com datas em torno de 300 a.C e 360 d.C (LIMA et al.,2006) e, posteriormente, datadas em até 600 d.C (NEVES,2013). A definição desse novo complexo surgiu com um aprofundamento dos estudos das cerâmicas Manacapuru, estas datadas entre, aproximadamente, 600 e 1.000 d.C (LIMA, 2008; NEVES, 2013).

Estas fases foram propostas a partir de tipos, com apoio no conceito de Ford (1940). Os tipos cerâmicos eram distinguidos pela combinação de variedades de pasta e decoração, e eram usados como elementos diagnósticos das fases de acordo com a sua distribuição quantitativa em sequências seriadas (MEGGER, 1970). (BARRETO; LIMA; JAIMES BETANCOURT. 2016).

Estas fases se distribuem por todo o Estado do Amazonas como já foi apresentado por pesquisas feitas por arqueólogos que estudam esses processos de expansão dessas fases pela região.

Na sequência apresentamos cada uma das fases da produção da cerâmica e suas características de acordo com as pesquisas e classificações arqueológicas presentes na literatura sobre o tema.

### **1.1 Cerâmicas da fase Manacapuru**

São ocupações que variam cronologicamente, datadas em torno dos séculos 600-1000 d.C, que foram obtidas através de datações feitas nos sítios, Açutuba, Osvaldo e Hatahara. Mostrando como as ocupações se relacionavam com a produção cerâmica, diferenciando suas organizações das ocupações anteriores. (LIMA, 2008). Os materiais relacionados a esta fase geralmente são identificados com depósitos mais extensos, estando sobre solos antrópicos – as conhecidas Terras Pretas de Índio. As mesmas terras pretas são consideradas como um marcador cronologicamente dessas culturas ligados às populações na Amazônia.

As cerâmicas desta fase são consideradas as mais antigas, abrangendo um longo processo de desenvolvimento cultural na Amazônia central. As suas características são diversificadas sendo que muitas vezes apresentam

decorações que são acinzentadas, densas e pesadas. (BARRETO, LIMA, JAIMES BETANCOURT, 2016). Sendo assim definida:

[...] a fase Manacapuru foi descrita em detalhes [...] tendo sido definidos seis tipos que, de certa forma, já dão conta de uma caracterização geral do conjunto. Dentro destes tipos há o não decorado, que perfaz 85% do total de fragmentos, sempre temperados com o cauixi. Os outros tipos são assim denominados: engobo vermelho, incisão em linhas finas, incisão em linhas largas, incisões duplas e modeladas [...]. (LIMA; NEVES; 2011, p.216)

A imagem que segue apresenta uma cerâmica, exemplo desta fase:



**Figura:** Cerâmica da fase Manacapuru.  
**Fonte:** LIMA, 2008, p.201.

## 1.2 Cerâmicas da fase Paredão

A fase Paredão foi sugerida por meio de estudos e escavações que foram feitas em dois sítios arqueológicos e de coleções de outros sítios, exemplo disso é o próprio sítio Paredão que foi o principal escavado por Hilbert, posteriormente se escavou o sítio Divinópolis nos arredores da cidade de Manaus. (BARRETO, LIMA, JAIMES BETANCOURT. 2016).

As datações que foram propostas pelos pesquisadores para este material arqueológico estão em torno dos séculos IX ao XII. Sendo que nas cerâmicas desta fase se encontra, na maioria das vezes, o não decorado, apresentando incisões em linhas finas, a pintura vermelha com o (englobado), incisões duplas, escovado, mistura em menor proporção de caco moído, quartzo e hematita e ainda o carvão. (LIMA, 2011).

As técnicas decorativas mais recorrentes são as incisões, neste caso executadas com um instrumento pontiagudo muito fino. (BARRETO, LIMA, JAIMES BETANCOURT. 2016; LIMA, 2011).

A imagem que segue apresenta exemplo de uma cerâmica desta fase:



**Figura:** Cerâmica da fase Paredão encontrado no sítio Lago Grande.  
**Fonte:** DONATTI, 2003, p.139-140.

### 1.3 Cerâmicas da fase Guarita

Esta fase foi evidenciada com uma grande facilidade na região do Baixo Amazonas, esse complexo cerâmico é o mais estudado no momento, estando presente em algumas regiões da Amazônia central localizadas em Coari e em áreas dos rios Solimões e Negro. Podendo assim ser interpretado essa abundância de material como um processo de migração e expansão de povos na calha do Rio Amazonas. (BARRETO, LIMA, JAIMES BETANCOURT. 2016).

As datações propostas para a ocupação Guarita estão em torno de 1.000 d.C para todo o curso do Baixo Solimões. Tal homogeneidade estilística vem sendo interpretada por um lado, um possível correlato de existência de grupos com uma matriz cultural comum habitando esta área (NEVES, 2013; NEVES; MORAES, 2012). Ou por outro, como uma indicação da existência de um estilo particular na região, que teria se difundido através de redes de interação e/ou de acesso a determinados recursos entre outros (BARRETO, LIMA, JAIMES BETANCOURT. 2016).

A imagem que segue apresenta exemplo de uma cerâmica desta fase:



**Figura:** cerâmica Guarita encontrada no sitio Paredão por P. Hilbert.

**Fonte:** LIMA, 2008, p.369.

#### 1.4 Cerâmicas da fase Itacoatiara

Esta fase no momento não tem uma proposta de datação concluída. Mais tem sido bastante estudada, mostrando-se claramente mais antiga do que anteriormente proposto. (LIMA, 2013).

Foi proposta por Peter Hilbert, a fase mencionada foi encontrada próximo ao município de Itacoatiara, suas características são parecidas com as das fases Açutuba e Manacapuru. A mesma foi integrada a tradição Inciso Ponteadado (LIMA, 2008).

Sua caracterização se deu pelo uso de incisões e ponteados, combinando e alternando-se como elementos decorativos que ocupam bordas ou pescoço de vasos, em conjunção com modelados de várias formas. Outra característica diagnóstica seria o preenchimento da área com incisões em linhas finas, paralelas e com pouco espaçamento entre elas. Adornos modelados são muito comuns e enchem formas antropomórficas e geométricas. O uso do engobo vermelho seria característica desta tradição. (LIMA, 2008, p.34).

Exemplo de uma cerâmica desta fase na imagem que segue:



**Figura:** Cerâmica associada à fase Itacoatiara, de coleções particulares, recolhidas por moradores de Itacoatiara.  
**Fonte:** LIMA, 2008, p.366.

### 1.5 Cerâmicas da fase Açutuba

Através de análises feitas em vestígios foi proposto à formulação de uma nova fase e uma nova hipótese sobre a cronologia de ocupação e a definição desse novo complexo surgiram com um aprofundamento dos estudos das cerâmicas Manacapuru, estas datam aproximadamente entre 600 e 1.000 d.C (LIMA, 2008; NEVES, 2013)

Esta fase Açutuba está sendo proposta como a mais antiga, sendo uma ocupação intensa que está ligada a ocupação Pocó Açutuba. Fazendo parte desse processo de expansão das populações na Amazônia, originando novos horizontes para a cultura e inovações nos vestígios cerâmicos proporcionando avanços nos estudos e nas abordagens sobre fases cerâmicas na Amazônia Central. (BARRETO, LIMA, JAIMES BETANCOURT. 2016).

Exemplo de uma cerâmica desta fase na imagem que segue:



**Figura:** Cerâmica da fase Açutuba.  
**Fonte:** LIMA, 2008, p. 201.

## **2. Uma coleção particular de fragmentos de cerâmica pré-colonial**

A coleção que apresentamos é composta por aproximadamente 240 fragmentos sendo que na ocasião que fomos recebidos na residência desta família, para registro fotográfico, as peças estavam acondicionadas em baldes plásticos embrulhados em jornal. Tratava-se de três vasilhames, sendo que dois estavam cheios e um pela metade.

Havia por parte da proprietária um cuidado em separar as peças mais gerais de bordas, pedaços de corpo de vasos, das que apresentavam rostos, formatos de animais e bordas mais elaboras decorativamente.

Foram realizados registros fotográficos de todas as peças que nos foram apresentadas, sendo que selecionamos algumas mais emblemáticas para apresentar neste artigo.

Ressaltamos que os fragmentos cerâmicos apresentados são oriundos do sitio arqueológico da comunidade do Macurany, e por se tratar de coleção particular não tem localização via GPS dos locais onde pedaços de cerâmica foram localizados, pela informação da família dona da coleção os mesmos foram encontrados em diversos pontos do sítio do leito seco do lago, margem e em área de cultivo onde havia terra preta.

Figura 01



Essas são imagens representando cabeças de animais que são semelhantes às cerâmicas Konduri que são associadas à tradição Inciso Ponteados: 1. Imagem de uma cerâmica representando a cabeça de um animal que se assemelha a um macaco com olhos esféricos com ponteados no centro, 2. Imagem de uma cerâmica representando a cabeça de um animal que se assemelha a um pássaro com olhos esféricos com ponteados no centro, 3. Imagem de uma cerâmica representando a cabeça de um animal que se assemelha a um macaco com olhos esféricos com ponteados no centro com pequenas modelagens no formato de orelha. (Fonte Acervo da autora, 2017).

Figura 02



Essas são imagens de cerâmicas que são semelhantes às cerâmicas da fase Paredão: 1. Imagem de uma cerâmica que possui excisões retilíneas e as bordas com ponteados que apresentam o mesmo formato executadas com instrumento fino, 2. Imagem de uma cerâmica representando a cabeça de um animal, com olhos esféricos com ponteados no centro, na parte de cima possui uma fileira de ponteados e excisões, 3. Imagem de uma cerâmica que possui uma fileira de ponteados realizados com instrumento fino, 4. Imagem de uma cerâmica que possui incisões retilíneas. (Fonte Acervo da autora, 2017).

Figura 03



Essas são imagens de cerâmicas que são semelhantes às cerâmicas da fase Paredão: 1. Imagem de uma cerâmica que possui incisões curvilíneas, 2. imagem de uma cerâmica com bordas simples que apresentam cores pretas característico de queima no processo de uso ou no solo devido processo de agricultura com queima de matéria orgânica para limpeza e cultivo, 3. Imagem de uma cerâmica com borda simples, 4. Imagem de uma cerâmica no formato de uma pata de um animal. (Fonte Acervo da autora, 2017).

Figura 04



Essas são imagens de cerâmicas que são semelhantes às cerâmicas da fase Paredão: 1. Imagem de uma cerâmica com borda simples, 2. Imagem de uma cerâmica que possui incisões retilíneas onde algumas dessas incisões estão feitas por cima com uma cor meio amarelada, 3. Imagem de uma cerâmica que sua borda está apresentando pequenos ponteados em formatos diferentes, 4. Imagem de uma cerâmica que apresenta uma coloração marrom com cores amareladas possuindo pequenas incisões retilíneas com ponteados em sua borda, 5. Imagem de uma cerâmica que possuem curvilíneas e retilíneas com ponteados, 6. Imagem de uma cerâmica que possui retilíneas. (Fonte Acervo da autora, 2017).

Figura 05



Essa é uma cerâmica que apresenta vestígio de policromia que é muito presente nas cerâmicas das fases Açutuba e Guarita. Apresentando assim uma pintura em cor preta que é o predominate nesta imagem e algumas marcas lá no fundo de cor branca. (Fonte Acervo da autora, 2017).

Na Amazônia é comum a presença de comunidades que apresentam ativas e cotidianas relações com os objetos cerâmicos. Marcia Bezerra (2013) cita o exemplo de Joanes onde os moradores da comunidade atribuem sentidos para esses objetos a partir de suas vivências.

Sejam atribuídos esses sentidos pela forma como estes objetos estão decorados ou como vão ser utilizados pelos moradores, onde os mesmos utilizam esses artefatos em seu cotidiano seja para armazenar algo ou servem propriamente de brinquedos para as crianças que é comum no seu cotidiano.

A relação estabelecida com esses objetos é atribuída pelo próprio ambiente e o modo de viver dessas comunidades, sendo que muitos vão dizer que esses objetos eram utilizados para determinadas coisas no passado que, em muitos casos, são apenas compreensões próprias e não efetivamente ao uso dado por quem os criou e usou. Atribuindo sentidos e nomes como carinhas, caretinhas, coisas de índios, para esses objetos conforme sua compreensão e relação na atualidade.

Essas coleções se formam nessas comunidades não propriamente por serem objetos arqueológicos mais pelas relações formadas no dia a dia por

esses moradores com esses objetos, quando eles dizem que eles guardam esses fragmentos porque acham bonitos e se parecerem com carinhas de animais ou por usarem estes objetos como utensílio para armazenamento, dando novos sentidos *as coisas do passado* (BEZERRA, 2013) na história do presente.

### **Algumas considerações**

A cerâmica arqueológica são os vestígios mais abundantes na Amazônia certamente por estarem em melhores condições de preservação, sendo os principais vestígios da presença humana em locais diferentes ao longo de toda a calha do rio Amazonas.

Nesta pesquisa procuramos apresentar uma coleção particular de fragmentos de cerâmicas pré-colonial de uma família residente na comunidade do Macurany, buscando assim refletir sobre as relações e sentido de preservação desses objetos pelos moradores dessas comunidades ribeirinhas, além da forma como tais pessoas lidam com esses objetos recorrentes em seus quintais (arqueológicos!).

Ao apresentar as imagens e suas características buscamos associar as fases definidas pela arqueologia para demonstrar como o material presente nesta coleção oriundo desta comunidade é rico pela sua diversidade decorativa ligada a possíveis fases. Destacamos que para definir as fases das cerâmicas são preciso pesquisas arqueológicas de contexto, prospecção e datação, por isso este trabalho é uma breve amostra do material presente no referido sítio arqueológico do Macurany, através desta coleção particular.

Mesmo que a legislação proíba a prática de coletar e colecionar artefatos arqueológicos, essa coleção é um exemplo recorrente deste costume na Amazônia, mesmo que não tenhamos autorização do Estado para posse, à guarda ou mesmo presença o de um arqueólogo com portaria de autorização do IPHAN para coleta, neste município de material arqueológico para qualquer fim – pesquisa ou exposição.

A família possui uma relação de preservação e encanto para com as peças dessa coleção tendo todo um cuidado para que possa ser preservado esse material expressando o desejo que os mesmos, um dia, possam ser

expostos no município, através de alguma instituição que o possa fazer aqui e não fora deste local de onde os fragmentos foram localizados.

## **REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARRETO, C.; LIMA, H.P.; JAIMES BETANCOURT, C. **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016.

BASTOS, Solange. Na rota dos arqueólogos da Amazônia: 13 mil anos de selva habitada. Família Bastos Editora, 2015.

BEZERRA, Marcia. **Os Sentidos Contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia**. Revista de Arqueologia Publica. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP n.7, 2013.

GOMES, D. M. C. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia**. Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial, 2002.

LIMA, H. 2008. **História das Caretas: a Tradição Borda Incisa na Amazônia Central**. 2008.424f. Tese (Doutorado em Arqueologia). – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA, H. P.; NEVES, E.G. Cerâmicas da Tradição Borda Incisa / Barrancóide na Amazônia Central. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 21, n. 21, p. 205-230, 2011.

LIMA, H.P. **Análises Cerâmicas na Arqueologia Amazônica: contribuições da Amazônia Central a uma longa trajetória de discussões**. Revista de Arqueologia. V. 28, n.1, p. 03-29, 2015.

LUNA, S. **Sobre as origens da agricultura e da cerâmica pré-histórica no Brasil**. In: Revista Clio Arqueológica, nº 16, v. 01 UFPE, Recife. 2003

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SILVA, Karliney Souza da. **Sítio Arqueológico do Macurany: da “invisibilidade” à espaço de ações educativas.** Parintins-AM. Trabalho de conclusão de Curso (Historia). Universidade do Estado do Amazonas, Parintins-AM, p.21. 2016.

NEVES, E.G.; GUAPINDAIA, V.L.C.; LIMA, H.P.; COSTA, B.L.S.; GOMES, J. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: Amazónia. Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueologia Amazónica. Quito Equador: Stephen Rostain Editor, 2014.

ROCHA, B. C. et al. Na Margem e à margem: Arqueologia Amazônica em Territórios Tradicionalmente Ocupados. *Amazôn., Rev. Antropol. (Online)* 6 (2): 358-384, 2014

BRASIL. Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L3924.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm). Acesso em: 16 nov. 2017.

PORTARIA IPHAN/MinC 07, de 01/12/1988, **que normatiza e legaliza as ações de intervenção junto ao patrimônio arqueológico nacional.** Disponível em: <http://arqueologiabrasil.com.br/arqueologia/Leis.shtm>. Acesso em: 16 nov. 2017.